

ALGUNS CONCEITOS PROPOSTOS POR DOMINIQUE MAINGUENEAU

SOME CONCEPTS PROPOSED BY DOMINIQUE MAINGUENEAU

Sírio Possenti
Universidade Estadual de Campinas (Brasil)
siriop@terra.com.br
<http://orcid.org/0000-0002-3358-4984>

RECIBIDO: 04/02/2025
ACEPTADO: 01/04/2025

RESUMO

Neste ensaio, apresento alguns conceitos propostos na obra de Dominique Maingueneau. Parto de sua tese segundo a qual o universo de discurso tem pouca utilidade, pois define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de ser de fato estudados, que são os campos e espaços discursivos. Pretendo mostrar que o autor propôs variados conceitos que, a rigor, são relativos ao universo de discurso, na medida em que se aplicam às discursividades em geral, embora sejam mais evidentes em alguns campos, como pode parecer à primeira vista, como é o caso do conceito de paratopia na literatura. O trabalho expõe bastante informalmente alguns desses conceitos, tomando artigos ou livros do autor como fonte. O objetivo é promover alguma divulgação de tais conceitos, que parecem ser os menos invocados em trabalhos que seguem a obra de Maingueneau.

Palavras-chave: Maingueneau, paratopia, universo de discurso, formação discursiva, enunciados aderentes.

ABSTRACT

In this paper, I present some concepts proposed in the work of Dominique Maingueneau. My starting point is his thesis that the universe of discourse has limited utility, as it merely defines a maximum extension - the horizon from which domains susceptible to to be actually studied, namely discursive fields and spaces, are constructed. I aim to show that the author introduced various concepts that are, in essence, related to the universe of discourse, as they apply to discursivities in general, though they may be more evident in certain fields. This is more evident in the concept of paratopia in literature. The paper informally discusses some of these concepts, drawing from the author's articles and books. The goal is to promote the dissemination of these concepts, which appear to be less invoked in studies following Maingueneau's work.

Keywords: Maingueneau, paratopia, universe of discourse, discursive formation, adherent statements.

RESUMEN

En este ensayo presento algunos conceptos propuestos en la obra de Dominique Maingueneau. Parto de su tesis según la cual el universo del discurso tiene poca utilidad, ya que sólo define una extensión máxima, el horizonte a partir del cual se construirán dominios susceptibles de ser realmente estudiados, que son campos y espacios discursivos. Pretendo mostrar que el autor propuso diversos conceptos que, en rigor, están relacionados con el universo del discurso, en la medida en que se aplican a las discursividades en general, aunque son más evidentes en algunos campos, como podría parecer a primera vista, como es el caso del concepto de paratopía en la literatura. La obra expone de manera bastante informal algunos de estos conceptos, tomando como fuente artículos o libros del autor. El objetivo es promover cierta difusión de tales conceptos, que parecen ser los menos invocados en trabajos que siguen la obra de Maingueneau.

Palabras clave: Maingueneau, paratopía, universo del discurso, formación discursiva, enunciados adherentes.

INTRODUÇÃO

Dominique Maingueneau é autor de uma obra vasta e variada, que inclui livros quase didáticos, obras inovadoras de grande alcance teórico em análise do discurso. Propõe um conjunto de conceitos novos e muito próprios que revelam um pesquisador inquieto, cuja obra está sempre em movimento, dando inclusive a impressão de que abandona conceitos pelo caminho à medida que encontra novos problemas que demandam um novo trabalho de formulação teórica. Pode-se dizer que sua obra vasta e bastante diversa requereria uma espécie de “enciclopédia” ou dicionário (com as características do *Dicionário de Análise do Discurso*, cuja organização coordenou com Patrick Charaudeau).

Neste ensaio, vou expor alguns desses conceitos, partindo de um pretexto particular, que apresento a seguir. Em Maingueneau (1984), ao tratar do (primado do) interdiscurso, o autor se propõe a tratar do conceito de forma menos grosseira e vaga (p. 27). Para isso, segmenta os discursos em três planos: o “universo discursivo” (conjunto de todas as formações discursivas numa conjuntura dada). Segundo ele, este conceito é de pouca utilidade para o analista, pois define “apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de ser estudados, os ‘campos discursivos’” (ibidem). Estes também não definem zonas insulares – ou seja, um campo pode também ser excessivamente amplo e complexo, pouco passível de uma análise discursiva. Para obter um “corpus” mais susceptível de ser objeto de uma análise, o autor propõe o conceito de espaço discursivo, “um subconjunto de formações discursivas que o analista, diante de seu propósito, julga relevante pôr em relação” (p. 29). Trata-se de uma zona de confrontos (ou mesmo de convivência) específicos entre diversos discursos, concebida em geral em termos mais restritos. Em seu trabalho de referência, a partir do qual propõe alguns conceitos¹, Maingueneau estudou duas formações discursivas de um subcampo religioso mais restrito, o discurso devoto. Para dar um exemplo de um campo mais comumente estudado por analistas

1 Competência discursiva, simulacro, semântica global, prática semiótica, entre outros.

do discurso, um espaço discursivo político poderia ser, por exemplo, a esquerda ou a direita (ou mesmo um subconjunto de discursos que as constituem), objetos mais passíveis de análise do que “os discursos políticos”. Em outro campo, um exemplo poderia ser “o modernismo” (com diversas tendências), em vez de “o campo literário brasileiro”. Vê-se assim que se trata de uma concepção relativa às subdivisões do universo do discurso que se constata nas diversas práticas de análise.

Pretendo expor apenas alguns poucos conceitos de Maingueneau que, de certa forma, desmentem sua afirmação de que o “universo discursivo” é de pouca utilidade para o analista, pois define “apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de ser estudados, os ‘campos discursivos’” (1984, p. 27). Sendo mais específico, pretende sustentar que um conjunto de conceitos de Maingueneau *são* abordagens do Universo de discurso, ou seja, se aplicam a esta entidade aparentemente bastante vaga, mas que, de fato, permite que muitos de seus aspectos sejam considerados por analistas do discurso. Em geral, são relevantes para objetos que Maingueneau situa num degrau abaixo, os campos, ou a subdivisões no interior deles. Quer dizer, muitos desses conceitos de Maingueneau são válidos para diversos campos, e, portanto, para aspectos do universo de discurso, e não apenas a um discurso em particular, embora possam aplicar-se privilegiadamente a alguns deles: mais ao discurso literário e ao filosófico, por exemplo, do que ao científico.

DISCURSOS CONSTITUINTES²

Maingueneau defende que considerar que diversos discursos nunca antes agrupados constituem uma espécie de unidade permite destacar propriedades comuns a eles que não são imediatamente visíveis. Assim, propõe considerar em conjunto discursos como o literário, o religioso, o científico, o filosófico etc., aparentemente muito distintos. Como se pode ver, trata-se de investigar algo no universo de discurso, propondo, assim, que ele seja mais do que um conceito que apenas define uma extensão máxima, “o horizonte a partir do qual serão construídos domínios susceptíveis de ser estudados, os ‘campos discursivos’”, conforme citação acima. Propõe que tais discursos têm propriedades comuns, e, assim, podem ser um objeto de interesse para pesquisas por parte de analistas do discurso.

A característica fundamental que une os discursos desses campos seria que eles não reconhecem outra autoridade que não seja sua própria, e, portanto, não admitem que haja outros discursos acima deles. Posicionam-se no limite. Evidentemente, estão de fato em relação com outros discursos, mas faz parte de sua natureza negar essa interação ou pretender submetê-la a seus princípios. Por exemplo, é claro que a ciência tem relações com outras instâncias (política, financiamentos, restrições de cada época...), mas é de sua natureza sustentar que, em última instância, são suas regras “internas” (métodos, dados, etc.) decorrentes da Razão (da lógica, da matemática...) que a definem e sustentam³.

2 A apresentação se baseia em Maingueneau (2006a); o autor informa que se trata de um texto que resulta de uma síntese de diversos trabalhos sobre o tema desde o texto que publicou em coautoria com Cossutta (1995) na Revista *Langages* 117, p. 112-125.

3 E não, por exemplo, que é ocidental, branca e masculina, tese que poria em xeque a universalidade da razão, hoje um tema não desprezível.

Esses discursos exercem um papel determinante nas sociedades: são eles que fornecem os valores sobre os quais uma sociedade se fundamenta e pelos quais se guia. Eles dão sentido último aos atos da coletividade. Assim, por exemplo, um jornalista convoca um cientista, um filósofo, um escritor ou um religioso para “explicar” determinados fatos; mas nunca ocorre o contrário, o que mostra a diferença de estatuto entre os discursos e o status privilegiado do discurso constituinte em relação aos outros.

Em geral, os discursos constituintes têm enunciadores consagrados, sempre retomados. Fazem uma gestão da memória, incluindo discursos segundos, os de comentaristas e “divulgadores”. Por isso, estudar discursos constituintes implica tratar de discursos heterogêneos.

Primeiro, considera-se que há uma hierarquia entre textos primeiros e aqueles que os comentam, resumem, refutam etc. O que implica que há duas comunidades discursivas associadas a cada discurso constituinte: tipicamente, a comunidade que *gera* e a que *comenta* tais discursos. Assim, há os grandes textos científicos e filosóficos e os de divulgação e disseminação, o ensino etc.

Segundo, os grandes textos apresentam-se como ligados a uma fonte, oriundos de uma delegação do Absoluto (uma Divindade, a Razão etc.). São discursos limite e lidam com os limites. Constituem-se arqutextos, que são os textos que adquirem um estatuto especial e que se tornam fontes e referências para outros textos. Por exemplo, a *Ética* de Spinoza, a *República* de Platão, os *Evangelhos*, a *Odisséia*, a *Divina Comédia* etc.

Debates sobre a relação dos discursos constituintes entre si e, especialmente, algumas disputas entre eles, são relevantes para a análise do discurso –produzem polêmicas, por um lado, e renovam as teses sobre sua natureza de discursos limite. Menciono dois exemplos: a) a invasão de outros discursos pela ciência (pela verdade, diria Foucault), que afeta diretamente a economia (que deixa de ser política...), a literatura e o direito, entre outros campos: o discurso econômico é afetado por outros discursos, como o da matemática, o da psicologia (as expectativas seriam relevantes...); b) o discurso religioso é eventualmente sustentado por “descobertas” arqueológicas, evocadas para garantir, por exemplo, a veracidade de episódios narrados na Bíblia (ver o clássico *E a Bíblia tinha razão*); o discurso jurídico é afetado pelas “provas”, como as de balística e de DNA.

Na direção praticamente inversa, assiste-se atualmente a um desprestígio da ciência: a recusa das vacinas por razões supostamente científicas é talvez o mais notável exemplo, mas há também o terraplanismo, para muitos um discurso anedótico, mas não para todos. Vale a pena observar também o quanto se espera que um discurso como o literário seja “fiel” aos fatos (quesito que se estende ao cinema, por exemplo). Talvez um testemunho da força deste discurso seja a consagração de autores como Annie Ernaux e Édouard Louis.

PARATOPIA

Os discursos constituintes são paratópicos, afirma Maingueneau. Para apresentar esse conceito⁴, é melhor recuar um pouco. Maingueneau (2006b) discute o conceito de Formação Discursiva e, em seguida, trata de recortes sobre os quais analistas do discurso fazem suas pesquisas. Trata de

4 A apresentação desse conceito será feita mais ou menos livremente a partir de Maingueneau (2005 e 1993).

tais categorias como se fossem pertinentes para o universo de discurso, de vez que não chega aos campos e é fácil perceber que essas categorias os atravessam.

Propõe que tais objetos possam ser divididos em unidades tópicas, que correspondem a unidades pré-delineadas (instituições, ideologias / partidos); em seguida, propõe que haja unidades não tópicas, cuja característica fundamental é que se trata de discursos que existem e circulam (a história garante!), mas não são associados a nenhuma instituição: exemplos são o racismo e o machismo. Segue-se que, para analisar um discurso não tópico, o próprio analista deve construir seu corpus, atento a todas as manifestações em todos os espaços sociais (e, eventualmente, tendo que tomar decisões sobre se determinado enunciado ou palavra é ou não, por exemplo, racista). Além disso, há análises que se dedicam a fórmulas, palavras ou sintagmas como “globalização / desenvolvimento sustentável”, que são encruzilhadas de diversos discursos, em geral em relação polêmica.

Além dos discursos tópicos, Maingueneau (2010b) constata a presença, no universo de discurso, de discursos que qualifica de atópicos. Tais discursos existem, mas não têm lugar na sociedade. Seu exemplo, notório, é o discurso pornográfico, do qual diz que “é uma produção tolerada, clandestina, noturna, que penetra nos interstícios do tecido social” (p. 165-166). Acrescenta que sua produção é abundante, assim como seu consumo, mas os produtores e consumidores “são sempre os outros”. Nas livrarias, nas bibliotecas e nas residências, são por assim dizer invisíveis. Com a internet, o acesso é facilitado, mas ele ainda não é aberto e pode ser objeto de controle por meio de aplicativos.

Uma existência paradoxal é também característica dos discursos paratópicos. Trata-se de discursos que têm e não têm um lugar na sociedade, ou melhor, cujo lugar precisa ser constantemente tematizado –e de certa forma defendido. Os discursos paratópicos têm uma relação estreita com o campo e com os discursos constituintes. Com o campo, porque se trata de um domínio que, embora pertença à sociedade, tem algumas regras próprias -historicamente mutáveis-, que também precisam ser constantemente defendidas. Com os discursos constituintes, porque reivindicam espaços próprios, diferentes do de outros discursos. As defesas da arte e da ciência, nem sempre “compreendidas”, são exemplos. Enunciar “de fora” e “de cima” é uma demanda que caracteriza tais discursos. “De fora”, entre aspas, define exatamente a paratopia.

Maingueneau trata da paratopia referindo-se basicamente ao discurso literário. Mas é evidente que poderia referir-se a outros campos, os que existem neste limite entre pertencer e não pertencer a uma sociedade, o que significa pertencer de modo particular e necessitando sempre definir suas características e defender sua existência. O campo científico poderia ser outro exemplo.

Da literatura, diz Maingueneau (1993) que ela precisa ser defendida de dois perigos simétricos: considerá-la como qualquer outro domínio e colocá-la totalmente de lado, porque “não é possível falar de uma corporação de escritores como se fala de uma corporação dos hoteleiros e dos engenheiros” (p. 28) que são atividades tópicas.

No caso da literatura, numerosos fatos confirmam que se trata de um campo paratópico. O regime de trabalho dos escritores deveria ser argumento suficiente: basta dizer que não se trata de uma atividade exercida uniformemente e segundo horários burocráticos, como os dos comerciantes, ou mesmo dos jornalistas – embora este seja um caso com algumas peculiaridades, se comparado ao dos trabalhadores de uma fábrica.

Os escritores, em épocas diferentes, pertencem a “grupos” como os boêmios, se reúnem em cafés e em salões, que são tanto lugares de criação quanto de uma primeira difusão de obras. Ado-

tam regimes de produção peculiares⁵, eventualmente idiossincráticos, que divulgam de alguma maneira em entrevistas (nem sempre sinceras), que tanto colaboram para confirmar quanto para renovar a paratopia.

A paratopia diz respeito tanto à vida e à atividade dos escritores quanto à própria obra (Maingueneau, 2005, p. 109 e ss.). No que se refere aos escritores, pode-se mencionar as paratopias de identidade (que diz respeito às relações do autor ou de personagens com a família, como em *O príncipe e o mendigo* e, claro, em *Édipo Rei*; paratopia *sexual*, notadamente uma certa “marginalidade” decorrente da homossexualidade; a *social*, como uma vida pobre e marginal do autor, como é o caso de Lima Barreto, também negro e alcoólatra; paratopia *espacial*, caso dos escritores / personagens exilados; paratopia *linguística*, como escrever em uma língua não materna, como é o caso de Kafka, ou em uma interlíngua, isto é, uma língua específica, como Guimarães Rosa e Joyce.

No cinema, como na literatura, exemplos notórios de paratopia são filmes cuja história transcorre em *navios*, como *Moby Dick* e diversos casos de motins, ou em submarinos⁶ (como *Maré Vermelha / Crimson Tide*), ou com personagens náufragos (*Robinson Crusoe*); em *prisões*, como os notórios *Um sonho de Liberdade* (*The Showshank Redemption*) e as diversas versões de *Fuga de Alcatraz* (*Escape from Alcatraz*) ou em *regiões ermas*, ou no meio da floresta, como *A ponte do rio Kwai* (*The bridge on the river Kwai*)⁷ ou num lugar indefinido, uma fronteira, como *O deserto dos Tártaros*, e uma região “fantástica”, como Macondo, de *Cem anos de Solidão*. Exemplos da literatura convertida em cinema não faltam: vale mencionar as diversas versões de *O conde de Montecristo*, preso injustamente. Na cela, obviamente um lugar paratópico, conhece um preso que detém um segredo sobre a localização de uma fortuna à qual tem acesso quando foge e começa sua vingança. Mantém uma vida paratópica também no período entre a fuga e a vingança, quando sua história e sua identidade são reveladas.

São paratópicos os super heróis / heroínas dos quadrinhos e depois do cinema: o *Super homem* (jornalista que assume poderes excepcionais em situações de perigo⁸), o Homem Aranha (jovem “comum” que se transforma em super herói), *Batman*, um cidadão “comum” que atua contra o crime em Gotham, City (um lugar paratópico); e não esqueçamos da Mulher Maravilha, obviamente, com características similares às dos super heróis masculinos.

Por fim, um exemplo bem brasileiro. Outros poderiam ser citados, mas talvez o mais prototípico, tratando-se de paratopia, seja *Grande Sertão: Veredas*. A história se passa no Sertão (inclui Minas Gerais e Bahia, mas os espaços não correspondem exatamente ao mapa). As personagens são jagunços, obviamente paratópicos (são fora da lei). Os dois personagens principais, ambos jagunços, são o filho “natural” de um fazendeiro e uma mulher cuja identidade de gênero só é descoberta no final, depois de sua morte. Em vida, foi um jagunço dos mais valentes, embora alguns traços físicos e determinados hábitos pudessem indiciar sua feminilidade. Entre ele/ela e o personagem principal, que é também o narrador, há um verdadeiro caso de paixão (platônica, poder-se-ia dizer), o

5 Com seus próprios ritos genéticos (como se preparam e/ou pesquisam para uma obra nova, por exemplo) e de escrita (escrevem muito ou pouco por dia, revisam mais, como Graciliano Ramos ou menos, como Lins do Rego, isolam-se ou não para escrever, submetem-se a diferentes tipos de intervenção dos editores), etc.

6 Há diversos (o Google informa), com frequência tendo como pano de fundo a Guerra Fria.

7 Neste filme, paratópico também é o comandante inglês, prisioneiro, que coordena a construção de uma ponte e que, quando descobre que ela será destruída, assume uma postura ambígua, que indica que valoriza mais sua obra do que o ataque de seu exército à ponte, que a destruirá: seu interesse é a vitória contra os japoneses ou a conservação de sua obra?

8 E que é oriundo de outro planeta...

que é outro exemplo de paratopia: uma paixão secreta e inconfessa entre dois homens, ainda mais jagunços. Além, disso, há uma paratopia linguística, porque a linguagem de *Grande Sertão* é uma “invenção” do autor, um misto de criação de neologismos e de uma sintaxe peculiar, mas também de regionalismos e de arcaísmos, o que faz da obra um exemplar único (já foi comparado, nesse quesito, ao *Ulisses*, de Joyce). Enfim, em *Grande Sertão: Veredas*, tudo é paratópico.

FORMAÇÃO DISCURSIVA

A definição clássica de FD é a de Pêcheux e colegas (ver Pêcheux et al, 1975): “determina o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada” (p. 27). Significa que qualquer falante está sujeito a limites do que pode dizer, conforme sua ideologia. Maingueneau (1984) aceita tacitamente esta definição (pelo menos não a questiona). Mas em Unidades tópicas e não tópicas... avança sua posição: propõe chamar de “posicionamento” a este tipo de unidade discursiva, nitidamente ligada a posições políticas ou ideologias. Reserva a designação formação discursiva para unidades não tópicas (ver acima), explorando um dos sentidos da palavra formação: é o pesquisador que vai organizar seu material de pesquisa, e não apelar para uma fonte institucional. Um exemplo desse tipo de FD é o racismo (talvez o feminismo).

De certa forma, esta posição de Maingueneau orienta o conceito de formação discursiva para a direção do corpus, isto é, de sua coleta e organização. Maingueneau (2014b) avança ainda mais nessa direção: depois de apresentar brevemente as origens da noção, ligadas consensualmente a Foucault e a Pêcheux, acrescenta outros casos, sob o guarda-chuva do sintagma “Formações discursivas temáticas”, o que significa construir uma FD “não a partir de uma instância produtora, mas a partir de um tema (do que se fala?), que toma usualmente a forma de uma expressão nominal com artigo definido” (p. 86). São seus exemplos a *droga*, a *eutanásia*, a *guerra do Afeganistão*.

Maingueneau subdivide as FDs temáticas em

- *entidades*: trata de momentos (Idade Média, Belle Époque) ou de pessoas (De Gaulle, Lula) ou de instituições (A Igreja Católica)...
- *acontecimentos*, que se manifestam em expressões nominais como “o caso Dreyfus”, “o 11 de setembro”, “o golpe de 1964”;
- *cenários*, que podem ser exemplificados por “a política de austeridade”, “a migração”, “a crise climática”, “a pandemia da Covid 19”;
- *nós*, em que são casos “difíceis”, divididos em *questões*, como “o debate sobre a liberação das drogas” e *problemas*, como “o problema das periferias”, “a crise das democracias”...

As sub-divisões nem sempre são óbvias ou definitivas. O que caracteriza essencialmente cada uma dessas FDs é sua heterogeneidade, ou seja, todas abrigam diversas formações discursivas, no sentido original: diversos posicionamentos, diversos discursos materializando diversas ideologias. Excelente exemplo é esta citação que Maingueneau (2014b) faz de Wetherell:

Pode-se dizer que Diana e a enorme quantidade de palavras escritas sobre ela formam um espaço discursivo (...). Ela é o centro bastante enigmático de numerosas representações concorrentes da realiza, da feminidade, da democracia, da família, da moralidade, da celebridade, da moda, do choque entre vida privada e vida pública (p. 88)

Concluindo esta seção com esta citação, quero reforçar o quanto a noção de FD fica comprometida com a heterogeneidade e a complexidade usual dos corpora, ao contrário do que preconizava a primeira definição de Pêcheux, mas já indicava a definição de Foucault.

DESTACAMENTO OU FRASES SEM TEXTO

A partir de Maingueneau (2006c), o autor inaugurou um “programa de pesquisa” sobre destacamento ou frases sem texto. A seguir, exponho brevemente suas teses principais, considerando basicamente o exposto em seu livro sobre o tema (Maingueneau, 2014a).

- a) Textos de diversos tipos contêm frases destacáveis, isto é, que têm propriedades tais que fazem com que circulem independentemente dos textos dos quais fizeram parte originalmente.
- b) Tais frases têm determinadas características, tanto de significante (ritmo, rimas, por exemplo) quanto de significado (soam como generalizações).
- c) Ocorrem em lugares estratégicos nos textos: no início, no fim, no final de um parágrafo, nos títulos etc.
- d) Podem ser precedidas de marcas enunciativas que assinalam seu papel (portanto, concluindo, em suma...).
- e) Ocorrem em muitos campos (literatura, filosofia, direito, jornalismo).
- f) São objeto de coletâneas (*Grandes frases de...; As 100 frases de...*).
- g) Assemelham-se a provérbios e slogans, que, de fato, “nascem” destacados.
- h) Seu “público” é universal, atemporal.
- i) Seu enunciador não se apresenta como um locutor comum, mas como alguém que fala “do alto”, que tem acesso a uma Fonte (Razão, Moral...); a este locutor “especial”, Maingueneau chama de sobreasseverador, no sentido de asseverador incomum.
- j) Corolário de h): “grandes” autores (Descartes, Pascal; Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues...) estão frequentemente na origem de enunciados deste gênero.

Descartes (*Penso, logo existo*), Marx e Engels (*A religião é o ópio do povo*), Aristóteles (*O homem é um animal social*) etc. são exemplos desse fato. Recentemente, na França, filósofos constituíram um *Groupe de recherche sur l'analyse du discours philosophique – GRADPhi*. De um dos seus encontros resultou um livro, *Les formules philosophiques*⁹, que testemunha a relevância de uma das maneiras de entrar na filosofia: as fórmulas, isto é, as “grandes frases” dos filósofos, que permitem, entre outras coisas, que a filosofia circule fora das instâncias profissionais.

São conhecidos pensadores que se celebrizaram pela elaboração de aforismos: La Rochefoucault e Karl Krauss, por exemplo. Este é, inclusive, autor de uma espécie de meta aforismo: “um aforismo é meia verdade ou verdade e meia”.

9 Traduzido no Brasil com o título *As fórmulas filosóficas* (Cossutta e Cicurel, 2018).

As mídias são uma fonte constante de tais destacamentos: sabemos bem que o que se discute (quase) nunca é um texto, mas uma frase¹⁰. Tanto é assim que é comum que autores de declarações polêmicas se defendem dizendo que sua fala foi “tirada do contexto”.

Tais “grandes frases” se caracterizam também por sua circulação peculiar – hoje mais do que nunca – e pelo fato de “caírem no interdiscurso”, segundo palavras de Maingueneau. O que significa que serão (super)interpretadas, modificadas etc. Por exemplo, “A esperança venceu o medo”, frase de Lula em seu discurso na primeira posse como presidente, não só era referência a um ingrediente discursivo da campanha política (havia medo do PT, segundo uma célebre peça de propaganda), mas também foi objeto de retomadas e de alterações por parte de adversários em determinado momento de seu governo: “a corrupção venceu a esperança”. O mesmo ocorre com outras frases, eventualmente com efeito humorístico: por exemplo, “Penso, logo insisto / Penso, logo desisto”.

A consequência teórica mais relevante, a meu ver, é a postulação de que as frases sem texto (portanto, também os provérbios e os slogans) não são gêneros, mas formas alternativas de enunciação, que o autor designa como “enunciação aforizante” (por oposição à textualizante).

Maingueneau (2010a, p. 13-14) propõe seis diferenças entre as duas formas de enunciar, uma tese forte, especialmente em uma época em que se considera que tudo é gênero...

- a) textos implicam posições correlatas e definidas de produção e de recepção (um sermão: pregador e fiéis); aforizações postulam um sobreasseverador e um auditório universal;
- b) textos são redes de pensamentos articulados de diversas formas; aforizações pretendem exprimir apenas um pensamento;
- c) textos estratificam planos enunciativos diferentes (afirmar, citar, refutar...); aforizações tendem à homogeneidade;
- d) textos implicam formas de subjetividade variadas impostas pelas regras de circulação; aforizações são formas de dizer puras;
- e) textos excedem a forma verbal (incluem gestos, grafias específicas, etc.); aforizações contestam a diversidade das formas de apresentação – pretendem ser pura fala;
- f) textos resistem à memorização (exceto por profissionais); aforizações implicam a utopia de uma fala viva, sempre disponível.

ENUNCIADOS ADERENTES

Maingueneau (2022) é um livro recente do autor, publicado apenas no Brasil. Ele começa assim sua apresentação:

O Capital começa com essa frase célebre: “A riqueza das sociedades nas quais reina o modo de produção capitalista se anuncia como “uma imensa acumulação de mercadorias”. Se Marx

10 O que se discute ou a razão pela qual se processa alguém: “quando se quer condenar alguém por suas declarações, em geral não é um texto – sempre relativo a um contexto – mas uma aforização que se condena” (Maingueneau, 2007, p. 162).

visitasse hoje um supermercado, poderia observar que não são somente as mercadorias que se acumulam, mas também os enunciados: em torno delas, sobre elas. Além do comércio, vê-se proliferar em nosso ambiente os enunciados sobre os objetos, e mesmo sobre os corpos humanos: dos mais nobres (um nome de rua, uma inscrição no frontispício de um monumento, o nome de um artista ao pé de uma estátua, um epitáfio...) aos mais triviais (“I love New York” em uma caneca, um painel “Legumes” em uma prateleira de supermercado, recibos de lavanderia costuradas em uma roupa, “Para ele” e “Para ela” nas pantufas, uma tatuagem na mão, uma frase numa camiseta, uma inscrição “Saída de emergência” no corredor de um hotel...). Proponho chamá-los de “enunciados aderentes” (doravante EA), mesmo se frequentemente não são enunciados no sentido usual do termo, isto é, frases ou textos, mas palavras, grupos de palavras, iniciais, combinações de algarismos e de letras, como nas placas dos carros, números, como nas fachadas das casas. (p. 7).

Neste livro, Maingueneau assume duas teses bastante radicais para a história da AD: a) propor que não só textos (e não só os políticos) merecem ser objeto das teorias do discurso (o que de certa forma fizera estudando as frases destacadas); b) adotar uma tese não corrente, mas formulada anteriormente (de Bosredon, 1994, 1997 e Paveau, 2009¹¹), que põe em xeque o modelo comunicacional e interacional dos estudos da linguagem (os enunciados aderentes não falam com ninguém... e não esperam respostas). Bosredon, no que concerne a esse tema, estudou títulos de quadros e Paveau, tatuagens.

Além disso, Maingueneau dá corpo a uma tese segundo a qual as sociedades fazem os discursos e eles as fazem: muitos enunciados aderentes respondem, por um lado, a demandas da sociedade (segurança, saúde, obediência à legislação) e, ao mesmo tempo, implicam comportamentos ou tomadas de posição. Analisa diversos tipos de enunciados aderentes: inscrições em monumentos, cartazes, sacolas de compras, placas de carros, brincos de bovinos, informações em produtos comerciais, tatuagens, placas carregadas em manifestações, rótulos de produtos. A ligação com as “condições de produção” e a relação dos enunciados com ideologias estão sempre presentes nas análises. Exemplos bem claros são avisos nas lixeiras em jardins e lugares públicos. A propósito, um dos mais interessantes exemplos e a análise de um banco de madeira numa praça em Paris: é um pedaço de um tronco “esculpido” grosseiramente, com uma inscrição com letras grosseiramente escavadas do nome da árvore: “robinier” (acácia). Maingueneau (2022) mostra como este objeto e a inscrição estão ligados à gestão dos ecologistas (Verdes) na Prefeitura de Paris. Assim, diz ele, esse trono não é apenas um banco de madeira, mas um fragmento da natureza (p. 37).

Estar num suporte ou contíguo a ele não é suficiente para que um enunciado seja aderente: um cartaz eleitoral pregado num poste não é enunciado aderente; não tem nada a ver com o poste; poderia estar em qualquer lugar. Mas uma placa com o nome da rua ou numa casa (dizendo que uma pessoa famosa viveu nela, o que a torna um lugar de memória), ou um rótulo numa garrafa de vinho ou um cartaz como “saída de emergência” são enunciados aderentes (Maingueneau 2022, p. 16-18).

Um exemplo mais: numa loja de roupas francesa, uma placa indica o setor de roupas femininas, em duas línguas, francês (FEMME), óbvio, mas também em inglês (WOMAN). Sabemos que

11 Bosredon sustenta essa tese com estudos de nomes de quadros; Paveau, estudando tatuagens.

línguas conotam. Prédios podem destacar uma pretensa elegância com um nome francês, modernidade com um nome inglês. Massas com nome italiano são um pouco óbvias, mas a relação tem história. Sobre a placa WOMAN diz Maingueneau que a indicação em inglês obviamente não serve para facilitar a compreensão (estamos na França!).

Na realidade, estamos diante de uma manifestação (...) de hegemonia cultural. Ora, as roupas exercem um papel crucial na encenação de si. Trocar FEMME por WOMAN é ativar uma constelação de estereótipos, converter imaginariamente a compradora em “woman”, dar-lhe o sentimento de estar comprando uma roupa de mulher jovem e dinâmica, plenamente integrada a um mundo aberto (2022, p. 81).

É um bom exemplo de que a AD tem o que dizer a propósito de materiais dessa natureza, e que eles podem – devem – integrar os corpora a serem analisados.

CONCLUSÃO

A obra de Maingueneau não se repete. Como disse acima, produz inclusive a impressão de que abandona tanto problemas (polêmicas entre FDs, por exemplo, ou o discurso religioso) quanto conceitos (como os expostos em Maingueneau (1984), de enorme produtividade. Outras tendências da AD parecem persistir em suas teses básicas. Parece ser o que ocorre com o que vou chamar de as escolas de Pêcheux e de Foucault. Maingueneau está atendo a novos fenômenos, como as frases destacadas, os enunciados aderentes e fatos relacionados à redes sociais, que afetam os gêneros e a circulação, entre outros fatos.

Mas o que melhor caracteriza sua obra parece ser a disposição para tratar dos extremos, isto é, dos dados mais banais (os enunciados aderentes) aos mais clássicos (o discurso literário e o discurso filosófico), ambos de certa forma desprezados pelas diversas análises do discurso.

A breve e informal apresentação aqui feita é também muito incompleta. Como falar da obra de Maingueneau e esquecer o ethos? Só uma razão justificaria essa lacuna: o fato de que o ethos se tornou um conceito (e um objeto de análise) presente em diversas teorias do discurso, como na semiótica greimasiana, e mesmo em algumas correntes da pragmática e da teoria da enunciação.

Talvez deva incluir neste texto, embora isso signifique uma violação da regra deste tipo de publicação, a seguinte informação que assegura que a inquietude do autor continua viva: no dia em que finalizo este texto, ele me comunica que, a conferência que fará na Unicamp (onde ainda trabalho um pouco), terá como tema não os enunciados aderentes, como eu imaginava, já que o livro que trata deles é recente e ainda pouco conhecido, mas LOCUTEURS POSSÈDÉS ET LOCUTEURS INSPIRÉS...

Estou curioso por descobrir do que se trata.

REFERÊNCIAS

Bosredon, B. (1994). *Étiquetage et titres de tableaux. Des titres de tableaux à la problématique de la nomination unique*. Tese. Paris: Université Paris 7.

- Bosredon, B. (1997). *Des titres de tableaux. Une pragmatique de l'identification*. Paris: PUF.
- Cossutta, F. & Cicurel, F. (orgs). (2018). *As fórmulas filosóficas*. Campinas. Brasília: Editora da Unicamp / Editora da UnB
- Maingueneau, D. (1984). *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, Éditeur.
- Maingueneau, D. (1993). *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maingueneau, D. (2005). *O discurso literário*. São Paulo: Contexto,
- Maingueneau, D. (2006a). Discursos constituintes. In: *Cenas da enunciação* (pp. 33-51), São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2006b) Unidades tópicas e não tópicas. In: *Cenas da enunciação* (pp. 9-24). São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2006c). Citação e destacabilidade. In: *Cenas da enunciação*. (pp. 72-91) São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2007). L'énonciation aphorizante. In: Silva, T. C. e Mello, H. (orgs). *Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. pp. 155 - 163.
- Maingueneau, D. (2010a). Aforização; enunciados sem texto? In: *Doze conceitos em análise do discurso* (pp. 9-24). São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2010b). Paratopia: a paratopia e suas sombras. In: *Doze conceitos em análise do discurso* (pp.157-170). São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2014a) *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2014b). *Discurso e análise do discurso: uma introdução*. São Paulo: Parábola.
- Maingueneau, D. (2022). *Enunciados aderentes*. São Paulo: Parábola.
- Maingueneau & Cossutta (1995) L'analyse des discours constitutants. *Langages*, (117), pp. 112-125.
- Paveau, M.-A. (2009). Une énonciation sans communication: les tatouages scripturaux. *Itinéraires* 2009-1. P. 7-19 (disponível em: <HTTPS://bit.ly/3RfPz9f>; acesso em 22 de setembro de 2022).
- Pêcheux, M. et al. (1975). A semântica e o corte saussuriano. In: Baronas, Roberto Leiser (org.) *Análise do discurso; apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva* (pp. 13-32). São Carlos: Pedro e João Editores.